

Teorização Portuguesa do Jornalismo até 25 de Abril de 1974 – Ficha de obra

Autor PORTELA, Artur		Ano de elaboração (caso não coincida com ano de publicação)	Ano de publicação/impressão 1943
Título completo da obra Os Mortos Falam.			
Tema principal: Jornalistas e Vida Profissional			
Local de edição Lisboa	Editora (ou tipografia, caso não exista editora) Inquérito		Número de páginas 30
Cota na Biblioteca Nacional e eventualmente noutras bibliotecas públicas			
Biblioteca: Biblioteca Nacional		Cotas: L 35508 P	
Esboço biográfico sobre o autor ou autores (nascimento, morte, profissão, etc.) Artur Portela nasceu em Lisboa, a 10 de Agosto de 1897, e faleceu a 4 de Outubro de 1935, também em Lisboa. Foi jornalista, repórter, cronista, novelista, dramaturgo e realizador.			
Índice da obra Título..... Página O jornalismo de guerra 78 Mariano de Carvalho no Casino 88 A Confissão de Fialho..... 95 Um jornalista Republicano..... 103 A pena de Navarro 115 Um Mestre do Jornalismo 136			
Resumo da obra (linhas mestras) Este é um livro de crónicas do jornalista Artur Portela. Em várias dessas crónicas, o autor aborda temas de interesse para a compreensão do jornalismo português e para a forma como os jornalistas do início do século XX operavam em Portugal. Chama a atenção, em especial, para os expedientes que usavam, para a existência de “jornalistas” políticos, etc.			

O Jornalismo de guerra

Na tarde em que Manuel Cardia se suicidou, Moreira de Almeida resolveu “experimentar” um rapaz com uma vaga recomendação.

Tratava-se de Hermano Neves um jovem muito vivo e curioso. Instalou-se em Sintra ainda novo, era um jovem muito talentoso, poeta e jornalista.

A sua primeira reportagem no “*Dia*” foi sobre a “velha dos gatos” e mais tarde viria a abordar as notícias mais sensacionais.

Hermano Neves entrou nas gazetas com uma ampla e sólida cultura. Resolveu ir pela Europa fora, instalando-se numa grande cidade estrangeira de onde enviava crónicas brilhantes para o “*Diário de Notícias*”, “*Gazeta de Notícias*” e “*Ilustração Portuguesa*”.

Concretizou o sonho de formar-se em medicina em 1904. Pagava as suas matrículas desenhando figurinos para uma revista feminina no Brasil.

Quando regressa a Lisboa esquece-se de que é médico e faz a sua grande reportagem *O 5 de Outubro*, envolvendo-se na revolução para a redigir. Dessas jornadas resulta o livro: “*Como triunfou a República*”.

Manuel Guimarães funda “*A Capital*” e vai buscar Hermano para trabalhar consigo, este faz com que as tiragens do jornal subam, envolvendo-se na guerra civil e fazendo reportagens brilhantes.

Em fins de 1911, parte para África fazendo admiráveis reportagens que contribuíram para a solução dos problemas coloniais.

Volta a Portugal onde se bate em duelo com António Centeno, escrevendo o turbilhão dos acontecimentos.

Em Agosto de 1914, estala a guerra europeia. Um mês depois vai para França onde consegue uma sensacional entrevista.

Em 1915, com Herculano Nunes, publica o panfleto “Fora da Lei”. A notícia da entrada de Portugal na guerra dá a Hermano Neves a sua maior vitória jornalística, possibilitando-lhe afirmar-se como defensor da causa dos povos e das nações livres.

No dia da entrada de Portugal na Grande Guerra, Augusto Soares, ministro dos Negócios Estrangeiros, recusou-se a fornecer qualquer informação ao sair do Parlamento. Todos vão embora desanimados, mas Hermano Nunes arranja um esquema audacioso instalando-se num local estratégico e coloca-se frente ao carro do ministro, permitindo mais um triunfo de Hermano ao publicar o informe histórico na “*Capital*”.

Em 1919, este homem que passara a maior parte do tempo a partir de país em país regressa a Portugal onde funda, com Herculano Nunes, a “*Vitória*”, segue para África onde permanece durante largo tempo.

Em 1929, acaba por falecer.

Mariano de Carvalho no Casino

Reuniram-se no Casino Lisbonense um grupo de intelectuais revolucionários, uma reunião política cujo tema era o velho Partido Regenerador.

O jornalista e político Mariano de Carvalho surgiu na mesa. Era possuidor de uma grande eloquência popular.

De manhã tinha aulas na Escola Politécnica e terminava de madrugada em S. Roque, na redacção do “*Popular*”.

Quando o seu discurso no Casino terminou, a multidão trouxe ambos até à rua.

Nessa altura podia ter ascendido à direcção do Partido Republicano mas fiel ao credo progressista não deu esse passo.

Depois de António Rodrigues Sampaio, que escrevia escondido os seus tonitruantes artigos de “*Espectro*” e da “*Revolução*”, Mariano de Carvalho foi um dos grandes mestres do jornalismo português.

Nada fazia prever essa vocação, abandonou o Politécnico (onde mais tarde se tornou professor) por um curso de Farmácia, chegando também a ser boticário numa loja.

Mariano de Carvalho começou no jornalismo com Teixeira de Vasconcelos e por volta de 1862 fundou a “*Gazeta de Portugal*”. Passando pelo: “*Notícias*”, “*Novidades*”, “*Popular*”. Até que decidiu criar o seu próprio jornal, o “*O Diário Popular*”.

Segundo Artur Portela, Hermano Nunes escrevia muitas vezes a jogar xadrez. “No meio de um linguado, levantava a cabeça e indicava a partida. E tudo isto sorrindo, entre a alegria esfuziante da redacção, sentado a qualquer mesa, sempre com a beata ao canto da boca”.

Nas questões difíceis da política a solução era Mariano de Carvalho, os seus discursos podiam considerar-se verdadeiras peças de eloquência.

Ocupou duas vezes o Ministério da Fazenda, deixando uma larga obra de administração. Para ele primeiro estava o jornalismo e só depois as obrigações de ministro.

A Confissão de Fialho

Fialho (de Almeida) era estudante de medicina e tornara-se o escritor mais virulento e corrosivo do seu tempo. Era considerado o príncipe desdenhoso da crítica, abalando as colunas do templo. Martinho e Eugénio seus amigos recém-chegados a Lisboa encontraram-no na rua do Ouro, abandonado, arrastando pesadamente o seu corpo. Fialho, farto de sua vida miserável, decidiu desistir de escrever, sentia o seu talento explorado e apunhalado pelas costas. Não queria ficar com uma efêmera bagagem de historietas e de artigos mais ou menos verrineiros. Eugénio de Castro insinuou-lhe: “-Mas por que não faz o doutor um romance?” Fialho ficou irritado, pois o romance era sua ambição, mas nunca o diria. Por fim, foram a um botequim da travessa de S. Domingos, onde Fialho se reconciliou com a vida e com seus amigos.

Um Jornalismo Republicano

Mayer Garção pertenceu à geração que sucedeu ao 31 de Janeiro.

Era considerado “o príncipe do jornalismo”.

A República estava na sua fase mais bela, renascia do sacrifício que tingiu de sangue o velho Porto, burguês e capitalista.

Mayer Garção surgiu, por volta de 1899, com Fernando Reis, numa publicação de crítica intitulada “Os Vermelhos”. Tinha apenas 19 anos e já se revelava brilhante.

O seu lançamento como jornalista foi quando escreveu “*A Queimar Cartuchos*”, uma polémica com Silva Pinto, o segundo maior sarcasmo das letras.

Mayer Garção, ainda estudante, ataca-o audaciosamente e com tanta bravura, que o escritor da “*Alma Humana*”, em vez de o derrubar, abriu-lhe os braços com ternura e apadrinha a sua carreira jornalística.

Em 1896 funda a revista “*Inferno*” com Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, José Sarmento, Domingos de Guimarães, entre outros.

Três jornais fixaram a sua personalidade: o “*Mundo*”, a “*Capital*” e a “*Manhã*”.

O jornalista está no auge da propaganda republicana. Escreve as *Notas Vermelhas* com Afonso Costa e mais tarde *Notas à Margem*.

Em 5 de Outubro de 1910 vive a hora da sua vida, “aquela em que viu desfraldar pela primeira vez a bandeira verde-rubra”.

Estala a primeira guerra europeia.

Mayer, na “*Capital*” torna-se um dos padrinhos da intervenção.

A “*Manhã*”, de que é directo, atravessa períodos difíceis, escrevendo debaixo de balas.

É lhe oferecida a direcção de um jornal, com um ordenado tentador. Porém, prefere continuar independente e rebelde, recusando assim a proposta.

Faleceu devido a um acidente de viação.

A Pena de Navarro

Emídio Navarro foi o D’ Artagnam do jornalismo (Portela, 1943).

Os seus primeiros combates no jornalismo da capital foram no “*Correio da Noite*”, jornal que fundou depois de ter colaborado com António Enes no “*Progresso*”. Ficaram memoráveis as suas campanhas contra Fontes Pereira de Melo (no “*Progresso*”, “*Correio da Noite*” e no “*Primeiro de Janeiro*”).

O tempo passa, abandona o “*Correio da Noite*” e cria as “*Novidades*”. Nenhum ministério se constituía sem passar pelo seu gabinete era o jornal mais elegante do tempo e considerado a antecâmara do Terreiro do Paço. Por lá passaram Barbosa Colen, Melo Barreto, João Saraiva, Alberto Braga e muitos outros.

Navarro, António Enes e Mariano de Carvalho eram progressistas dissidentes, devemos-lhes um dos períodos mais belos do jornalismo português.

Navarro, como jornalista, era o mestre acatado e temido de todos os seus discípulos. É dele a célebre frase: “Um rei que se abandalha, é um rei que moralmente abdica”.

Reformaram-no, com todas as honras, no lugar de ministro em Paris, então muito invejado.

Em Portugal tinha inimigos mas voltou à sua casa no Luso para morrer.

Um Mestre do Jornalismo:

Moreira de Almeida trabalhava há vários anos para o “*Dia*” que era consagrado como um dos últimos “salões” literários e jornalísticos da Monarquia.

O “*Dia*” vinha do século passado, por António Enes, em 1887 sem tendências políticas, embora fosse considerado progressista.

Em 1990, quando Enes voltou à metrópole, constituiu-se um grupo, do qual faziam parte Adrião de Seixas, Luís Horta, Petra Viana, Hipácio de Brion e Moreira de Almeida.

Enes voltou à direcção, mas mais com seu nome do que com a sua actividade, pois devido a problemas de saúde era substituído em alguns trabalhos por Moreira de Almeida, que além de tratar dos artigos de fundo tinha uma secção privativa com o pseudónimo de Nemo.

Quando rompeu o século, o jornalismo sofreu uma grande renovação.

O “*Dia*” surge com um suplemento literário, o primeiro da Imprensa portuguesa, e é considerado a melhor folha literária de 1900. Passam pela redacção, em várias épocas, escritores como: Raul Brandão, Francisco Santos Tavares, Manuel Cardia, Luís Cardoso, entre outros.

Quando António Enes é enterrado, o seu conselheiro Hintze Ribeiro propôs aos cinco proprietários do “*Dia*” a filiação do Jornal na imprensa regeneradora, fazendo-os deputados, mas apenas dois aceitaram.

Em 1904, José de Alpoim assumiu a direcção do “*Dia*”. Era um liberal dentro da monarquia. Quatro anos depois, torna-se ministro da justiça.

Moreira de Almeida continua a bater-se pela monarquia velha. A seu lado tem agora o filho, Moreira de Almeida.

Após a tentativa revolucionária abortada em 28 de Janeiro, surge o “*Radical*”, dirigido por Marinha de Campos, que alinha ainda mais à esquerda da dissidência progressista. No “*Radical*” Machado Santos foi castigado por escrever um artigo contra a monarquia.

Um mês depois, em 5 de Outubro, viam-se bandeiras republicanas por toda a cidade.

Em Janeiro de 1911, reaparece Moreira, criticando a lei da separação da Igreja e do Estado. É então atacado por todos os lados. Foi atingido por uma bala e preso.

Quando libertado refugiou-se em Espanha, os seus adversários “rendem-se” à sua coerência. Ele é a voz do passado. Escreveu uma página admirável sobre o *raid* de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O seu último artigo foi sobre a princesa Vitória, que seu filho concluiu devido ao seu estado debilitado.

Autor: Sandra Cristina Fernandes Pereira

E-mail: sandracris89@hotmail.com